

Procuradores, juízes e policiais federais repudiam Bolsonaro

ELEIÇÕES 2022

FREIO OFICIAL**Reação a Bolsonaro une instituições, defende sistema eleitoral e cobra ação de Augusto Aras**AGUIRE TALENTO, MARIANA MUNIZ E ANDRÉ DE SOUZA
politic@globo.com.br
BRASÍLIA

Os novos ataques do presidente Jair Bolsonaro ao sistema eleitoral diante da representantes diplomáticos de dezenas de países geraram reações imediatas e pedidos de providências ao procurador-geral da República (PGR), Augusto Aras. Um grupo de procuradores federais entrou com uma representação para que o PGR instaurasse investigação para apurar o caso. Juristas ouvidos pelo GLOBO avaliam que o chefe do Executivo cometeu crimes de responsabilidade, improbidade e eleitorais.

Ao usar o aparato do cargo para atrair embaixadores para atacar o sistema eleitoral, valendo-se de acusações falsas, Bolsonaro provocou ampla reação de instituições brasileiras, desde o presidente do Supremo Tribunal Federal (STF), Luiz Fux, passando por diversas categorias, como juízes promotores e delegados federais e entidades da sociedade civil, além do governo americano (leia na página 5).

As iniciativas dos procuradores federais reabrem um foco de pressão sobre Aras, a quem cabe instaurar procedimentos de investigação criminal a condutas do presidente da República. Desde que assumiu, em 2019, por indicação de Bolsonaro, o PGR já foi acusado por colegas de atuar para blindar o titular do Palácio do Planalto e aliados dele em diversas ocasiões. Caso Aras arquivasse as solicitações recém-chegadas ao seu gabinete sem instaurar uma apuração ou demore a agir, a atuação do PGR corre o risco de ser posta em suspeição mais uma vez.

O ofício elaborado pelos integrantes do MPF foi assinado por 43 procuradores das 27 unidades da federação responsáveis que atuam nas áreas de direitos fundamentais, humanos e do cidadão. No ofício protocolado na PGR, eles lembram que Aras aderiu a um termo de cooperação firmado pela Procuradoria Federal dos Direitos do Cidadão com o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) no qual se dispôs a atuar



Blindagem. Aras, à frente de Bolsonaro: desde que assumiu, em 2019, o PGR já foi acusado por colegas de atuar para proteger o presidente e aliados

Exceção, Lira se mantém em silêncio

> O repúdio generalizado, envolvendo instituições brasileiras e representações diplomáticas aos ataques ao sistema eleitoral de Bolsonaro não foi acompanhado até aqui pelo presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), um aliado do presidente.

> Líderes da oposição tentaram convencê-lo desde antes de se manifestar, mas até ontem ele se manteve em silêncio. Na segunda-feira,

logo após o evento, o presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD-MG), e os principais presidentes de siglas partidárias repudiaram os ataques.

> Lira recebeu ligações de membros de siglas de esquerda e centro. Segundo um interlocutor, Lira afirmou que está "cansado" da postura de Bolsonaro e que sua posição é em defesa da democracia. Ele teria dito ainda que não iria se pronunciar.

na defesa da integridade do sistema eleitoral e da confiabilidade da urna eletrônica.

Na reunião com diplomatas e outros representantes de nações no Alvorada, Bolsonaro, mais uma vez, levantou suspeitas contra o sistema de votação nacional sem apresentar qualquer prova.

Especialistas ouvidos pelo GLOBO avaliam que Bolsonaro pode ser enquadrado em uma série de infrações penais, que vão de abuso de poder político a crime de responsabilidade. O criminalista Conrado

Gontijo, doutor em direito penal pela Universidade de São Paulo (USP), diz que os ataques aos ministros dos tribunais superiores e ao sistema eleitoral entram para o que classifica de rol de crimes de responsabilidade cometidos por Bolsonaro, o que deveria resultar na instauração de processo de impeachment.

— Ele usou a estrutura do poder público para impedir, ainda que indiretamente, o livre exercício do poder Judiciário — disse a advogada constitucionalista Vera Chemim.

Crime de responsabilidade é uma das condições para instaurar um processo de impeachment. Mas para que isso aconteça, além de depender da apresentação de uma denúncia do PGR, tal acusação teria que ser avalizada pelo Congresso, onde Bolsonaro tem maioria. Além disso, como se trata de ano eleitoral, Câmara e Senado terão poucas sessões até o fim do ano.

REPRESENTAÇÃO NO STF

Ontem, o presidente do STF, Luiz Fux, repudiou a mais recente investida de Bolsonaro e a tentativa de colocar em xeque as urnas eletrônicas. Ele se manifestou durante uma reunião virtual com o presidente do TSE, Edson Fachin, um dos alvos de Bolsonaro no evento do Alvorada. Ele também aproveitou para reafirmar a confiança no sistema eleitoral brasileiro. "O ministro Fux repudiou que, a cerca de 70 dias das eleições, haja tentativa de se colocar em xeque mediante a comunidade internacional o processo eleitoral e as urnas eletrônicas", diz nota oficial divulgada pelo STF.

O presidente do Superior Tribunal de Justiça (STJ) em

exercício, Jorge Mussi, ressaltou que jamais houve "evidência fraude" que é preciso rejeitar narrativas que possam desacreditar o processo eleitoral.

Em nota, a presidente do Tribunal de Contas da União (TCU), Ana Arraes, manifestou "total confiança nas instituições eleitorais no sistema de votação do país". Além disso, entidades como a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), a Associação dos Magistrados Brasileiros (AMB), a Associação dos Juizes Federais do Brasil (Ajufe), Associação Nacional dos Procuradores da República (ANPR) e associações da Polícia Federal saíram em defesa da Justiça Eleitoral.

Parlamentares da oposição também acionaram o STF para que Bolsonaro seja investigado. Na representação, eles acusam o presidente de praticar "abolição violenta do Estado Democrático de Direito", que prevê pena de quatro a oito anos de prisão. Segundo o Código Penal, esse crime consiste em "tentar, com emprego de violência ou grave ameaça, abolir o Estado Democrático de Direito, impedindo ou restringindo o exercício dos poderes constitucionais.



"O ministro Luiz Fux repudia que, a cerca de 70 dias das eleições, haja tentativa de se colocar em xeque mediante a comunidade internacional o processo eleitoral e as urnas eletrônicas, que têm garantido a democracia"

Luiz Fux, presidente do Supremo

"A OAB reitera sua confiança no sistema eleitoral brasileiro, na Justiça Eleitoral e no modelo eletrônico de votação adotado em nosso país, reconhecido internacionalmente como eficiente e confiável"

Beto Simonetti, presidente da OAB

"O sistema de votação eletrônico implantado no Brasil é considerado um modelo de sucesso em todo o mundo. (...) Nunca se comprovaram fraudes"

Renata Gil, presidente da AMB

"A disputa eleitoral não pode servir de instrumento para a descredibilização de nossas instituições e, menos ainda, para disseminar informações inverídicas, que tentem confundir o eleitorado"

Associação Nacional dos Procuradores da República

"A conduta do presidente afronta e avilta a liberdade democrática, com claro propósito de desestabilizar e desacreditar o processo e as instituições eleitorais"

Pedido de 43 procuradores à PGR de investigação de Bolsonaro

ELEIÇÕES 2022

Para EUA, sistema eleitoral brasileiro é 'modelo' para o mundo

Governo americano diz confiar nas instituições democráticas do país; diplomatas e ex-chefes do Itamaraty criticam Bolsonaro

ELIANE OLIVEIRA
diplomata e ex-chefe do Itamaraty

Um dia após o presidente Jair Bolsonaro convidar embaixadores estrangeiros para questionar, sem provas, o sistema eleitoral brasileiro, o governo dos Estados Unidos divulgou uma nota afirmando que as eleições no Brasil servem de modelo para as nações do hemisfério e do mundo. O comunicado, distribuído ontem pela embaixada americana em Brasília, destaca que os EUA confiam na força das instituições democráticas brasileiras.

"As eleições brasileiras, conduzidas e testadas ao longo do tempo pelo sistema eleitoral e instituições democráticas, servem como modelo para as nações do hemisfério e do mundo", diz um trecho da nota.

No texto, a embaixada destaca que o governo americano está certo de que as eleições brasileiras de 2022 vão refletir a vontade do eleitorado.

"Os cidadãos e as instituições brasileiras continuam a demonstrar seu profundo compromisso com a democracia. À medida que os brasileiros confiam em seu sistema eleitoral, o Brasil mostrará ao mundo, mais uma vez, a força duradoura de sua democracia."

A nota reforça o discurso que tem sido transmitido pela Casa Branca, sempre que são enviados ao Brasil autoridades daquele país: para Washington, as eleições no Brasil são para os brasileiros decidirem.

"Os Estados Unidos confiam na força das instituições democráticas brasileiras. O

país tem um forte histórico de eleições livres e justas, com transparência e altos níveis de participação dos eleitores."

Como os EUA estão sem embaixador no Brasil, o país foi representado, na reunião com Bolsonaro, pelo encarregado de negócios Douglas Koneff. Até que seja indicado um novo representante por Washington, Koneff estará à frente do posto em Brasília. Ex-embaixadores e ex-

ministros das Relações Exteriores criticaram o comportamento de Bolsonaro durante a reunião com representantes estrangeiros. A conclusão é que, ao colocar novamente sob suspeita o sistema eleitoral brasileiro, o presidente deu mais um passo para piorar tanto a sua imagem quanto a do Brasil no exterior.

Para Sérgio Amaral, ex-embaixador nos EUA e ex-ministro de Indústria e Co-



Repercussão. Bolsonaro em reunião com embaixadores estrangeiros: ataque ao sistema eleitoral foi criticado



"As eleições brasileiras, conduzidas e testadas ao longo do tempo pelo sistema eleitoral e instituições democráticas, servem como modelo para as nações do hemisfério e do mundo"

Embaixada dos EUA em Brasília, trecho de nota divulgada ontem

mércio, a imagem do país no exterior já estava bastante ruim pelas reiteradas violações das políticas ambientais e do combate às mudanças climáticas, com o aumento significativo do desmatamento na Amazônia. Segundo ele, a forma como o mundo vê o Brasil ficou ainda pior, com o assassinato de dois defensores da causa indígena, o jornalista britânico Dom Phillips e o indi-

genista Bruno Pereira.

—Agora, o presidente convoca dezenas de embaixadores estrangeiros para assistir a uma apresentação de acusações infundadas de uma possível fraude nas próximas eleições, o que apenas corrobora as suspeitas da opinião pública interna de que, na linha de Trump (Donald Trump, ex-presidente americano que perdeu a eleição para Joe Biden), Bolsonaro prepara uma farsa na contestação do resultado das eleições e da própria democracia. A imagem vai piorar, com grandes prejuízos para o país — alertou Amaral.

"AÇÃO INSENSATA"

Marcos Caramuru, ex-secretário de Assuntos Internacionais do Ministério da Fazenda e ex-embaixador na China e na Malásia, afirmou não acreditar que o mundo se surpreenda com mais uma ação insensata de Bolsonaro, "na linha do trumpismo e da cartilha da direita norte-americana". Para Caramuru, a imagem do governo e, por extensão, do país apenas ganha um novo aspecto mais risível.

—A reunião foi algo entre o ridículo e o desastroso. O melhor que podemos esperar é que as reações negativas no Brasil também mereçam consideração pelos que acompanham nossa realidade.

Aloysio Nunes, ex-ministro das Relações Exteriores, disse que, com a reunião de segunda-feira, Bolsonaro contribuiu para consolidar sua condição de pária internacional.

—As pessoas razoavelmente informadas sabem distinguir o Brasil do político tosco, demagogo e extremista chamado Bolsonaro.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Globo - Rio de Janeiro/RJ

Seção: Política Página: 4 e 5